

## Configurações da identidade latino-americana nos poemas “O coração latino-americano”, de Thiago de Mello, e “Nós, latino-americanos”, de Ferreira Gullar<sup>1</sup>

Marcelo Ferraz de Paula  
Universidade Federal de Goiás (Brasil)

### Resumo

Este trabalho desenvolve uma análise comparativa dos poemas “Nós, latino-americanos”, de Ferreira Gullar, presente no livro *Barulhos* (1988), e “Coração latino-americano”, do poeta amazonense Thiago de Mello, do livro *De uma vez por todas* (1996). Os dois poemas mobilizam elementos simbólicos que aludem a uma proposta comunitária, marcada pelo reconhecimento e a ativação de uma identidade comum que justificaria o esforço de integração entre os países da América Latina. Em diálogo com algumas ideias sobre as construções das identidades, presentes nas reflexões de Bauman (2005), Hall (1999) e Mendes (2002), examinamos neste artigo as escolhas estéticas adotadas por Ferreira Gullar e Thiago de Mello para dar corpo à aspiração americanista, bem como as relações entre literatura, política e sociedade que permeiam os dois poemas analisados.

**Palavras-chave:** América Latina - Identidade - Thiago de Mello - Ferreira Gullar.

### Configurations of Latin-American identity in the poems “O coração latino-americano”, by Thiago de Mello, and “Nós latino-americanos”, by Ferreira Gullar

### Abstract

This paper develops a comparative analysis of the poems “Nós, latino-americanos,” by Ferreira Gullar, published in the work *Barulhos* (1988), and “Coração latino-americano”, by the Amazonian poet Thiago de Mello, belonging to *De uma vez por todas* (1996). Both poems mobilize symbolic elements that point to a community proposal, marked by the recognition of a common identity that would justify the effort of integration between the countries of Latin America. Taking these aspects into account, we examine in this article the aesthetic choices made by the authors to build an Americanist identity -the political horizon for which they beckon-, and how they resume and update stereotypes linked to the cultural conditions in Latin America.

**Keywords:** Latin America - Identity - Thiago de Mello - Ferreira Gullar.

Receção: 14/01/2016 | Admissão: 29/07/2016 | Publicação: 31/03/2017

PAULA, Marcelo Ferraz de: “Configurações da identidade latino-americana nos poemas ‘O coração latino-americano’, de Thiago de Mello, e ‘Nós, latino-americanos’, de Ferreira Gullar”. *Agália. Revista de Estudos na Cultura*. 113 (2016): 77-93

---

<sup>1</sup> O presente artigo é desdobramento direto de pesquisa de doutoramento desenvolvida na Universidade de São Paulo e que contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Uma primeira versão deste texto foi apresentada no *II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina*, organizado pelo PROLAM na cidade de São Paulo no ano de 2014.

## Introdução

**E**m trabalhos anteriores (Paula, 2009: 2011) vimos insistindo na imagem de um Brasil insular, como recurso para a compreensão dos intermitentes diálogos supranacionais esboçados ao longo da história do país. A imagem da ilha encontra fundamento numa condição simultaneamente geográfica e histórico-cultural que ajuda a pensar, metaforicamente, o nosso lugar no mundo moderno. Por um lado, o Brasil está distante da antiga metrópole portuguesa e dos países africanos com os quais compartilha o idioma, sendo a extensão do oceano Atlântico um importante dificultador das relações entre os países. Por outro lado, permanece à deriva numa América onde predomina a língua espanhola das nações vizinhas, sendo o idioma, com seus múltiplos desdobramentos culturais, um obstáculo também bastante considerável para a inserção do país em um ideal americanista, especialmente quando se almeja uma circulação mais efetiva de repertórios culturais. Vale, contudo, destacar que o Brasil apresenta em relação a estes países uma série de convergências históricas, sociais, econômicas e culturais, justificando o interesse numa aproximação comunitária entre estas nações (Abdala Jr, 2003: 64).

Neste sentido, os esforços para se pensar o Brasil para além das promessas advindas de nacionalismos recalcitrantes e de globalizações neocoloniais encontram frequentemente na América Latina e nos países de língua portuguesa horizontes para uma cooperação efetiva, assentada em bases mais horizontais e cooperativas. Acenar para este horizonte político exige o reconhecimento dos enormes desafios por trás dessa investida. Quando pensamos no discurso artístico, encontramos abundantes referências que sintetizam esse diálogo (ou a ausência dele) nas imagens da solidão desmesurada do mar, quando se trata do contato com Portugal e os países africanos de língua portuguesa, e da confusão babélica das línguas, quando nos voltamos para os países da América Hispânica. Enfrentar, superar, resistir ao insulamento nos parece uma preocupação que habitou as produções culturais brasileiras de modo irregular, mas relevante e ainda pouco investigado.

Na agitação dos anos 1960 e 1970, por exemplo, fulgurava em vários de nossos mais importantes artistas a consciência de uma América Latina subdesenvolvida, explorada, desigual, farta de afinidades irrecusáveis e prenhe de uma ação política comum. Na música popular, trata-se de um período de grande projeção dos espetáculos-comícios, nos quais artistas ligados ao que se convencionou chamar de “canção de protesto” irmanavam-se no palco por meio de duradouras parcerias entre músicos da MPB e intérpretes hispano-americanos como Mercedes Sosa, León Gieco e Pablo Milanés. Nas artes plásticas o intercâmbio propiciado pelas bienais refletia na incorporação de temas e formas representativas da América Latina, como nos trabalhos de Helio Oiticica; enquanto na literatura poetas e romancistas, de Vinicius de Moraes a Antonio Callado, se inspiravam em personagens e imagens associadas à latinidade na construção de suas obras politicamente mais empenhadas.

Nestes exemplos, com frequência a memória traumática do passado colonial era atualizada no discurso político da época, engajado em denunciar um presente de

dependência econômica e penúria, causadas pela ação imperialista. Ativado por um discurso inflamado, o ideal de uma América Latina unida, destinada, na voz de seus entusiastas, a superar a arbitrariedade de suas fronteiras, era adequado principalmente à produção artística de esquerda, que convidava a mirar um futuro comum de libertação e justiça social. Os poetas Thiago de Mello e Ferreira Gullar viveram intensamente os sonhos e contradições desse período. Ambos criaram algumas de suas obras mais importantes vinculados a essa expectativa de transformação social, associando sua poesia a uma perspectiva militante na qual o compromisso político era visto como urgência e as questões estéticas encaradas como indissociáveis do compromisso humanizador e revolucionário da palavra poética.

Parte desse projeto literário, a reflexão sobre a latinidade comparecia regularmente em suas obras, ocupando espaço de destaque em alguns de seus poemas mais relevantes. Sem perdermos de vista as suas nítidas diferenças de estilo e temperamento artístico, chama atenção o fato de terem dedicado poemas à Revolução Cubana, a Pablo Neruda, Che Guevara, Salvador Allende<sup>2</sup> e outros ícones da recente história política latino-americana, além de explorarem poeticamente ritmos e imagens do continente, e estabelecerem fecundos diálogos críticos com autores dos países vizinhos. Perseguidos pelo regime militar brasileiro, os dois escritores cumpriram parte de seu exílio em países hispano-americanos, o que também contribuiu para uma maior presença do imaginário da “pátria grande” em suas trajetórias artísticas.

Apesar da abundância de temas ligados à América Latina na recente poesia brasileira, o projeto/ideal de América unida só ganha forma e profundidade literária na medida em que sustenta, explícita ou implicitamente, a ativação – ou mesmo a construção – de certa “identidade continental”, ainda pouco estudada sob a ótica dos estudos literários. A estruturação de uma perspectiva comunitária, tendo como norte as articulações entre o Brasil e os países vizinhos, sustenta-se no princípio de que há, no plano da história latino-americana, elementos capazes de justificar a integração dos países e atores sociais neles envolvidos. Tais convergências, de fundo político, econômico e cultural, como já foi dito, determinariam uma experiência compartilhada, revelando hábitos comuns, práticas sociais paralelas e saídas políticas dignas de serem articuladas e amalgamadas em um discurso de integração. Ao escritor interessado em disseminar a cooperação e o diálogo, caberia a ativação do imenso rol de imagens, tradições e sincretismos sócio-históricos que permeiam o discurso da e sobre a América Latina para imprimir em suas obras o horizonte comunitário. É esta “identidade continental” reivindicada e posta em movimento na poesia dos autores aqui estudados, bem como seus fundamentos, origens e limites, que examinaremos comparativamente neste artigo.

---

2 Ver, por exemplo, de Thiago de Mello, “Cupim no esteio”, “Ao Nemésio”, “O que me espantou” (Mello 1984), “Segunda declaración de amor”, “Tradução, verso e música”, “A mão” (Mello 1996); e de Gullar (2009) “Dentro da noite veloz”, “Dois poemas chilenos”, “Queda de Allende”, “Cantada”, “Ao nível do fogo” e o “Poema Sujo”.

## 1. A identidade latino-americana e o discurso poético

Tema dos mais abordados nas ciências sociais e, nas últimas décadas, foco de interesse de diversas áreas do conhecimento, a formação das identidades nutre com a literatura uma relação de profundos contatos. O texto literário alimenta-se frequentemente de signos identitários correntes e, simultaneamente, os recria e os expande, rasurando-os ou reciclando-os conforme as exigências do tempo em que são produzidos. Nota-se, também, a capacidade do texto literário inaugurar novas visões e formas de autorrepresentação social, aglutinando em seu discurso atributos que modulam uma identidade coletiva antes oculta ou inexistente. É o que mostram, por exemplo, os estudos de Benedict Anderson (1989), ao levar em conta o papel preponderante da literatura na formação dos estados nacionais modernos. Segundo o autor, a afirmação das línguas modernas na Europa contou com uma importante contribuição da literatura em seu processo de fixação e legitimação, fazendo dos textos literários importantes componentes do imaginário das emergentes nações europeias, sendo um dos polos de veiculação dos discursos nacionais (e posteriormente nacionalistas e colonialistas), chave para a coesão social e base simbólica para a justificação destes estados.

Retomando algumas das principais contribuições teóricas sobre a questão da identidade, podemos partir da necessidade de observá-la, antes de mais nada, como algo construído no e pelo discurso (Hall, 1999). A identidade estaria fundida em um modo específico de prática discursiva capaz de articular, através de conteúdos culturais mais ou menos comuns, um todo integrado, coeso, virtual e minimamente compartilhado pelo grupo social, capaz de gerar em seus membros um sentimento de pertença e identificação com as práticas, costumes e valores aglutinados nesse discurso. É, portanto, a base discursiva que compõe a frágil unidade, sempre transitória, das identidades. E à identidade cabe, por sua vez, o papel de fundar na dinâmica da práxis um (re)conhecimento coletivo, um elo de relativa segurança entre o sujeito e o grupo no qual está inscrito.

Tal perspectiva teórica recusa a crença numa identidade essencial, imutável, e salienta sua fluidez inerente – mais visível e radical, talvez, em nosso tempo de extrema fragmentação –, seu caráter múltiplo, elaborado e re-elaborado na interação social. Desse modo,

As identidades são activadas, estrategicamente, pelas contingências, pelas lutas, sendo permanentemente descobertas e reconstruídas na acção. As identidades são, assim, relacionais e múltiplas, baseadas no reconhecimento por outros atores sociais e na diferenciação. (Mendes, 2002: 505).

No caso de algo abstrato e controverso como a veiculação da “identidade continental” aqui analisada, fica evidente o complexo jogo de nuances que atuam sobre o sentir-se latino-americano. Afinal, é possível identificar algum laço capaz de unir, do Atacama ao Caribe, todos os indivíduos do continente numa expressão iluminadora dos nossos problemas mais espinhosos? Como reunir a grande bacia de línguas, dialetos e culturas numa palavra integradora, num projeto comum,

sem ferir a diversidade e a particularidade de cada grupo? Ou mais ainda: como justificar um paralelismo sociocultural já historicamente segmentado, permeado de vários caminhos e desencontros, numa formulação simbólica que dê sentido à ação conjunta e a torne suficientemente límpida a ponto de, sem falseá-la, compensar as inquestionáveis diferenças entre aqueles que a reivindicam?

Tais questionamentos vêm se impondo como sólidos desafios ao diálogo comunitário desde a formulação de uma ideia de América Latina, chegando às reflexões acadêmicas atuais envoltas por desconfiança e ceticismo. Para os mais otimistas, nenhuma das inequívocas diferenças entre os países americanos seria capaz de desestimular o interesse na busca/elaboração de uma identidade comum, que delimite nosso lugar no mundo e nos conduza a uma luta conjunta, marcando a sedutora expectativa de juntos sermos mais fortes e menos solitários. Já para os menos esperançosos, tal identidade não poderia surgir senão enquanto farsa, simplificação abusiva, sendo invariavelmente um apelo pronto para a demagogia política.

Sem escapar do caráter esquivo dessa discussão, é preciso reconhecer as identidades enquanto múltiplas, plurais, concorrentes e interligadas (Hall, 1999: 24). Por isso não nos parece adequado falar em circulação de *uma* identidade latino-americana contida, idêntica, na poesia de Ferreira Gullar, Thiago de Mello e demais poetas que a exploraram. Na elaboração estética do texto poético, mesmo quando recolhidas de uma aspiração política comum, as identidades em jogo podem ser literariamente tão distintas como os estilos dos autores e suas visões de mundo. É o que veremos nos dois poemas estudados neste artigo.

## 2. “O coração latino-americano”

Nos dois poemas confrontados a seguir, os contrastes entre os princípios que regem o esforço solidário emergem de forma bastante reveladora. Embora, *grosso modo*, os dois textos partam de uma base comum que funda a identidade latino-americana em torno da paisagem social – isto é, da pobreza e da dependência econômica – e histórica (o passado colonial e o projeto libertário), por trás deste fio encontramos diferentes formas de fixá-la na linguagem poética.

Após terem atuado num momento em que o grande projeto assumido pela literatura brasileira ainda era a constituição de uma perspectiva crítica assentada em bases nacionalistas<sup>3</sup>, Gullar e Thiago passaram a articular essa identidade, a partir da visão já consagrada pelo modernismo brasileiro, com uma posição supranacional, ou seja, com um olhar que questionasse a posição do Brasil no cenário global, com a América Hispânica aparecendo como horizonte privilegiado para uma aproximação comunitária. Tudo isso articulado também com linhas “regionais”, já presentes no chamado “romance de 30” e no discurso da sociologia, que marcam a consciência da diversidade, de vários *Brasis* dentro do Brasil.

---

3 No início dos anos 1960 os dois autores se aproximaram dos Centro Populares de Cultura (CPCs), cuja base ideológica estava marcada pela perspectiva popular-revolucionária, com forte base nacionalista.

Em outras palavras, não nos parece desprovido de significado o fato de dois poetas tão preocupados com a questão da latinidade estarem constantemente visitando o tema da “cidade da infância” – o Amazonas fluvial de Thiago de Mello e a São Luis “quente e realíssima”<sup>4</sup> de Gullar – espaços para onde convergem as lembranças mais remotas dos sujeitos. O cruzamento entre estes três níveis identitários (regional, nacional e continental) é frequente tanto na poesia como na música popular brasileira. A canção dos anos 1970, por exemplo, se aventurou intensamente na “descoberta” cultural da América Latina e na exaltação da união solidária entre os países (Paula 2011). Essa tendência não perde de vista, porém, a veiculação de uma identidade nacional e regional articuladas livremente com a proposta americanista. Pensemos nas canções de Milton Nascimento, tão interessadas na representação poética da “mineiridade” como na difusão de uma latinidade várias vezes retratada em suas gravações. Ou da estética tropicalista, que de uma obra para outra saía da Bahia para São Paulo, e daí para o contundente canto de *soy loco por ti América*. Mais visivelmente ainda, uma canção como “Sou apenas um rapaz latino-americano”, de Belchior, lançada em 1974, assume abertamente a identificação latino-americana em seu título e no refrão, mas o sentimento de pertença emerge justamente da saga de um nordestino buscando melhores condições de vida numa típica grande cidade brasileira. Em todos os casos, a convivência entre estes vários níveis identitários não apresenta desconforto para os sujeitos que as reivindicam, as identidades são múltiplas e complementares.

Passando ao poema de Thiago de Mello, veremos como o espaço da desmesura latino-americana é refundado sob o signo do pertencimento:

### **O coração latino-americano**

Incas, ianomamis, tiahuanacos, aztecas,  
mayas, tupis-guaranis, a sagrada intuição  
das nações mais saudosas. Os resíduos.  
A cruz e o arcabuz dos homens brancos.  
O assombro diante dos cavalos,  
a adoração dos astros.  
Uma porção de sangues abraçados.  
Os heróis e os mártires que fincaram no  
tempo  
a espada de uma pátria maior.  
A lucidez do sonho arando o mar.  
As águas amazônicas, as neves da  
cordilheira.  
O quetzal dourado, o condor solitário,  
o uirapuru da floresta, canto de todos os  
pássaros.

---

4 A expressão é utilizada por Alfredo Bosi (2004). Para o crítico, a cidade da infância é o núcleo central e irradiador dos sentidos na produção poética de Gullar.

A destreza felina das onças e dos pumas.  
Rosas, hortênsias, violetas, margaridas,  
flores e mulheres de todas as cores,  
todos os perfis. A sombra fresca  
das tardes tropicais. O ritmo pungente,  
rumba, milonga, tango, marinera,  
samba-canção.  
O alambique do barro gotejando  
a luz ardente do canavial.  
O perfume da floresta que reúne,  
em morna convivência, a árvore altaneira  
e a planta mais rasteirinha do chão.  
O fragor dos vulcões, o árido silêncio  
do deserto, o arquipélago florido,  
a pampa desolada, a primavera  
amanhecendo luminosa nos pêssegos e nos  
jasmineiros,  
a palavra luminosa dos poetas,  
o sopro denso e perfumado do mar,  
a aurora de cada dia, o sol e a chuva  
reunidos na divina origem do arco-íris.  
Cinco séculos de árdua esperança.  
De tudo isso, e de dor, espanto e pranto,  
para sempre se fez, lateja e canta  
o coração latino-americano.

(Mello, 1996: 91-92)

O poema de Thiago de Mello está presente no livro *De uma vez por todas*, publicado em 1996. Trata-se, portanto, de uma elaboração tardia, que representa sua mais detalhada definição do que seria a identidade continental que inspira vários de seus cantos. Embora a América Latina seja tema dos mais profícuos para o autor, a ocorrência do tema em sua obra é abundante principalmente quando trata de personagens/amigos do continente (“Canção para Victor Jara”, “Canto a Nemésio Antunez”), paisagens (“Água de remanso”, “Mormaço de primavera”) e acontecimentos históricos do continente (“O cupim nos esteios”, “O que me espantou”).

“O coração latino-americano” é um poema em que a identidade que justifica o diálogo americanista está formulada com grande fôlego, sendo o poema inteiramente dedicado a difundir a ideia de uma unidade continental. Interessante também reparar que ele está contido em um livro mais recente, posterior ao período de maior recorrência da latinidade na poesia brasileira. Por isso não pode deixar de ser lido como uma espécie de síntese do sentimento que o poeta profetizava desde *Faz escuro mas eu canto* (1966).

Neste poema o sentimento de pertença brota, metonimicamente, do próprio coração, de uma forma natural e contínua, que pulsa e se coloca em estado de comunhão com os índices semânticos que definem a identificação:

O fragor dos vulcões, o árido silêncio  
do deserto, o arquipélago florido,  
a pampa desolada, a primavera  
amanhecendo (...)  
De tudo isso, e de dor, espanto e pranto,  
para sempre se fez, lateja e canta  
o coração latino-americano.

(Mello, 1996: 92)

O poema é composto por uma única e longa estrofe, estendida do primeiro ao último verso, reforçando a ideia de continuidade e união que será a sua tônica. Algumas palavras são isoladas, aparecendo sozinhas em versos menores. Este recurso cumpre a função estratégica de dar destaque visual a certas expressões e contribui para tecer um fio que, ligado à plácida regularidade do ritmo, enlaça os vários núcleos do poema. “Tempo”, “cordilheira”, “pássaros”, “samba-canção” e “jasmineiros” são as palavras, semanticamente conectadas, que se desmembram do grupo ao qual estão sintaticamente subordinadas e “deslizam” para o verso seguinte, nos quais estão marcadas pelo isolamento e pelo recuo na página.

Os vários grupos semânticos são constituídos por uma cadeia de elementos justapostos que contém, cada um, vários signos com forte teor identitário elencados de maneira aparentemente aleatória, casual. A sonoridade límpida, séria, cria a impressão de que as imagens vão brotando espontaneamente, numa única e inquebrantável corrente, tal como dita a fluência do ritmo. No entanto, numa leitura mais detida, percebemos que a disposição das imagens segue uma ordem sugestiva e calculada: cada um dos elementos enumerados interage e complementa os que o acompanham dentro de cada núcleo que, por sua vez, fazem parte da cadeia maior do poema, que seria um quadro monumentalizado da própria identidade latino-americana. Dessa maneira, é possível delimitar alguns grupos: um, o primeiro a ser enunciado, corresponde aos grupos indígenas formadores do continente; outro abarca paisagens naturais e a topografia; outro, a fauna e a flora; depois os ritmos e assim por diante, sempre com imagens consagradas como típicas da América Latina.

Chama atenção a assistente aglutinação da diversidade: a extensa lista de atributos se desenvolve de forma forjadamente harmônica, não como modo de expor a diferença entre as inúmeras culturas presentes na América e sim com o desejo de, através da linguagem poética, pacificar os opostos, sublimando as tensões para justificar a união. Com isso, a variedade exuberante é subvertida, tornando-se um traço singular, único, estático, identificador. É com essa intenção que o poeta recorre muitas vezes à justaposição de antíteses: “as águas amazônicas, as neves da



/ cordilheira”, “a árvore altaneira/ e a planta mais rasteirinha”, “o árido silêncio do deserto, / o arquipélago florido”. Não há tensão entre os elementos, embora eles se refiram a realidades e sensações opostas. Água e neve, o alto e o rasteiro, o deserto e as flores integram-se num todo maior, resultante da soma destes e de todas as outras imagens que se sucedem orquestradamente no texto. Não há ruído ou impasse abalando a paz dos cenários que se abraçam e se harmonizam em um todo coeso que expressa uma identidade que funde os vários elementos – de ordem natural e cultural – num único e eterno “coração latino-americano”.

A busca pelo nativo, pelo particular, e a ênfase na natureza são desdobramentos quase imediatos dessa identidade que, desde o início, se proclama residual. O poeta resgata, com intensos ecos românticos, a exuberância da natureza como força propulsora do sentir-se americano. São mencionados, de maneira quase folclórica, alguns dos animais e plantas típicos das diversas regiões do continente (condor, uirapuru, puma, rosas, hortênsias...), assim como cintilam paisagens, florestas, danças e ritmos, sobretudo ligados à cultura popular. É bem vindo na constelação lírica do poema tudo aquilo que soa como genuíno, sem par nos grandes centros tidos como civilizados. Coloca-se um sinal de positivo na beleza agreste e se valoriza, de maneira mais ou menos idealizada, a pujança, a grandeza, a desmesura do cenário latino-americano, do qual se retira a crença num destino social à altura da exuberância natural sobre a qual o continente se ergue.

Antonio Candido, no célebre ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”, identifica nas manifestações literárias do século XIX, contemporâneas à independência, as marcas de um processo no qual a literatura fez-se linguagem de celebração e terno apego, com apoio da hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma. O nosso céu era mais azul, as nossas flores mais vistosas, a nossa paisagem mais inspiradora que a de outros lugares, como se lê no poema de Gonçalves Dias, mas que poderia ter sido assinado por qualquer um dos seus contemporâneos latino-americanos entre o México e a Terra do Fogo. (Candido, 1973: 14)

O poema de Thiago de Mello resgata parte significativa desse imaginário romântico para desenvolver a sua projeção da identidade latino-americana. Vale, porém, ressaltar que os ecos românticos convivem com uma consciência da necessidade de mudança. Sendo um amálgama de diversas paisagens naturais – a floresta e a cordilheira, a onça e o puma, o deserto e o vulcão, entre outros – e diversas práticas culturais – a milonga, o tango e o samba, as palavras dos poetas, o barro dos alambiques –, a identidade latino-americana só poderia, então, surgir como projeto político, como a “espada de uma pátria maior”. Ao apresentar com tamanha harmonia e limpidez os mais tenros e exóticos aspectos da América Latina, o poema apresenta um desejo de igual aproximação da realidade social do continente: ele parte de uma análise crítica da realidade para vicejar, em seguida, uma identidade idealizada e, com efeito, aceita o risco de se instalar entre o chão da história e a abstração idealizante.

O poema acaba sendo uma lista plasticamente construída de estereótipos desta identidade. Ele apresenta elementos díspares com o intuito de fundi-los e fazer da soma

inverossímil de suas realidades o sentido da própria condição latino-americana. Na enumeração retirada do caldeirão de imagens que representam o espaço americano, o autor resgata o projeto de heróis e mártires que anunciavam um futuro de união muito bem definido, ainda que caprichosamente longínquo ou sabidamente utópico, como “um sonho arando o mar”.

Por fim, vale a pena retornarmos ao início do poema e ponderarmos um pouco mais sobre os primeiros elementos que estalam do “coração latino-americano”:

Incas, ianomamis, tiahuanacos, aztecas,  
mayas, tupis-guaranis, a sagrada intuição  
das nações mais saudosas. Os resíduos.  
(Mello, 1996: 91)

A matéria indígena está no topo da reflexão identitária. Essa ancestralidade é evocada como base étnica que forneceria o traço distintivo do sujeito latino-americano. Nesse ponto, não há muita diferença entre o poema em questão e a idealização romântica do índio. Nos primeiros versos temos encenada, de maneira lírica e sintética, a formação do povo latino-americano: primeiro aparece a matriz indígena, marcada pelos vários grupos que habitavam o solo americano antes da chegada dos conquistadores; em seguida a chegada do homem europeu, marcado pela religião católica (“A cruz e o arcabuz do homem branco”) e, por fim, a luta pela independência e a mestiçagem reunidas numa imagem bastante sugestiva: “Uma porção de sangues abraçados”, na qual a mistura dos sangues estaria ligada tanto à resistência interna e ao sofrimento, quanto à vocação do continente a se integrar em laços consanguíneos:

Os heróis e os mártires que fincaram no  
tempo  
a espada de uma pátria maior.  
A lucidez do sonho arando o mar.  
(Mello, 1996: 91)

Diferentemente do que observaremos na perspectiva identitária presente na poesia de Ferreira Gullar, em Thiago de Mello a explicação social e a aspiração transformadora da realidade comumente dividem espaço com uma encenação mítica do drama social latino-americano. No poema em questão o escritor não deixa de pintar um cenário carregado de exotismo, de belezas altissonantes e de um passado longínquo, sustentado por uma matriz comum. Os personagens da independência são elevados à condição de mártires e heróis de uma pátria unida; os grupos indígenas são resgatados como a base étnica e espiritual do novo homem que surge em nosso território, tudo isso inscrito na metáfora do coração capaz de suportar os “cinco séculos de árdua esperança” com toda a “dor, espanto e pranto”

resultantes da consciência crítica e moderna do subdesenvolvimento (Candido, 1973: 15).

Obviamente, a harmonia entre as diferenças, tônica do poema, deve ser vista sem ingenuidade. Lançar mão dos diversos grupos indígenas só faz algum sentido se lido numa vertente simbólica. Na prática, sabemos que eles jamais formaram um grupo coeso, sequer com práticas culturais minimamente semelhantes. O poema ecoa a confiança numa natureza comum e em um passado que nos une; teríamos, todos nós, um mesmo sangue, faríamos parte de uma grande família, uma “pátria maior” – crenças que serão pulverizadas no poema de Gullar que leremos a seguir. Mais do que isso, essas “verdades” são indissociáveis, nasceriam com o sujeito, pois brotam do seu próprio coração.

A presença do mito e da natureza como suportes para a identidade só poderia fazer sentido para uma identificação que também se quer natural, espontânea, na medida em que a própria voz lírica oculta o caráter transitório e em permanente construção das identidades em jogo. Por isso os elementos brotam diretamente do coração, como consequência de um passado mítico, mas também histórico, irrecusável. Eis a grande marca do poema: reduzindo o discurso identitário ao feltro estático da natureza, ele já nasce tendo o sonho da “pátria maior”, ao mesmo tempo, como seu ponto de partida e seu ponto de chegada.

Poderíamos dizer que a identidade forjada no poema existe somente enquanto justificativa para uma “comunidade de vida e destino”, expressão discutida por Bauman (2005: 17) a partir das ideias de Siegfried Kracauer. Uma comunidade de vida e destino, segundo o autor, seria aquela “dada ao indivíduo a partir de seu nascimento e dentro da qual vivem [seus membros] juntos numa ligação absoluta” (Bauman, 2005: 18). A “pátria maior” referida no poema, ou o “coração latino-americano” que lhe dá nome, são arranjos discursivos que enlaçam o leitor numa adesão solidária a esse sentimento de pertença. A voz lírica que anuncia a identidade americana vem somente avisar o leitor de que ele faz parte de um irrecusável conjunto de práticas sócio-histórico-culturais correspondentes a um determinado espaço afetivo/geográfico. A identidade latino-americana seria, assim, uma consequência imediata de se ter nascido neste lugar, é o sentido que nos une, nossa condição de *estar no mundo*.

### 3. “Nós, latino-americanos”

Passando a examinar o poema “Nós, latino-americanos”, de Ferreira Gullar, veremos como ele encara a identidade latino-americana a partir de uma ótica distinta, quase oposta, a de Thiago de Mello. Primeiramente, vale notar, retomando a classificação de Bauman, a forma como a identidade presente no poema se dispõe a justificar uma “comunidade fundida unicamente por ideias ou por uma verdade de princípios” (Bauman, 2005: 18), por isso renega tudo que soe como “identidade inerente”:

## **Nós, latino-americanos**

à Revolução Sandinista

Somos todos irmãos  
mas não porque tenhamos  
a mesma mãe e o mesmo pai:  
temos é o mesmo parceiro  
que nos trai.

Somos todos irmãos  
não porque dividamos  
o mesmo teto e a mesma mesa:  
divisamos a mesma espada  
sobre nossa cabeça.

Somos todos irmãos  
não porque tenhamos  
o mesmo berço, o mesmo sobrenome:  
temos um mesmo trajeto  
de sanha e fome.

Somos todos irmãos  
não porque seja o mesmo o sangue  
que no corpo levamos:  
o que é o mesmo é o modo  
como o derramamos.

(Gullar, 2009: 378)

O poema faz parte do livro *Barulhos*, publicado em 1987. Tal como em “O coração latino-americano”, de Thiago de Mello, trata-se de um olhar mais distanciado em relação aos anos de maior atuação político-partidária e aos anos em que viveu parte de seu exílio em países da América Latina. Ele também não deixa de ser uma revisão do grande entusiasmo com que era debatida a latinidade nos anos 1960 e 1970, com um tom de lúcido balanço destas representações e de enfrentamento das limitações a elas impostas. Podemos observar no poema alguns traços que confirmam um estilo muito sólido alcançado pela poesia de Ferreira Gullar, visível na abordagem altamente crítica da temática social, alheia aos cacoetes da poesia engajada e sem fechar-se numa visão dogmática ou laudatória da causa política.

O poema é dedicado à Revolução Sandinista, primeiro indício de uma solidariedade de base latino-americana, irmanada com as lutas sociais travadas no continente. A homenagem à revolta popular na Nicarágua é o mote para uma investida nas tensões que permeiam o diálogo entre os países latino-americanos.

Neste sentido, a identificação com a luta na Nicarágua se oferece como marco evocado para se examinar crítica e liricamente uma noção mais ampla de identidade. Enquanto processo revolucionário, a Revolução Sandinista representava o desejo de independência num país onde a maior receita econômica vinha da agricultura desenvolvida nos latifúndios de controle norte-americano. A homenagem ao movimento, que seria violentamente contido pelas forças estadunidenses, marca uma posição de adesão ao projeto de América livre, vindo na luta nicaraguense os indícios de um destino comum, libertário.

“Nós, Latino-americanos” se concentra, evidentemente, na sustentação de uma identidade latino-americana. Mas seu discurso identitário não aceita, em momento algum, refugiar-se na celebração de um estado de espírito absoluto e inegável de pertença. Temos já no título o início de uma tensão, expressa pelo dilema do *ser ou não ser* latino americano. Tal tensão manifesta-se por meio da ambiguidade do significante “nós”, que, numa leitura mais direta, respeitando a sintaxe marcada pela vírgula, é lido como pronome pessoal da primeira pessoal do plural, endossando um sentido de unidade e de união em torno do qualificador comum: o ser “latino-americano”, o “nós” coral, típico do canto participativo. Entretanto, numa outra camada de significação – perceptível apenas na vocalização do texto – o “nós” do título pode assumir a função de substantivo e, nesse caso, sua carga semântica se aproximaria simbolicamente da noção de descontinuidade, embaraço – isto é, um nó insolúvel. Seguindo essa segunda leitura, o “latino-americano” do título passaria de substantivo, isto é, de algo fixo, estável, ocupando a posição de aposto na primeira variante, para se converter em adjetivo, marcando a fluidez típica das identidades sociais. Assim, a marca de pluralidade e congregação do “nós” pronome está em atrito com o imbróglio do “nó” (cego) da identidade latino-americana. A leve fissura semântica no interior do discurso coral não suplanta, porém, os laços assumidos pela voz enunciativa, ao contrário, as ilumina. Ou nas palavras de Alfredo Bosi (2000: 214- 215; *itálicos no original*):

uma das marcas constante da poesia aberta para o futuro é a coralidade. O discurso da utopia é comunitário, comunicante, comunista. O poema assume o destino dos oprimidos no registro de sua voz (...) O coro atua, necessariamente, um modo de existência plural. São as classes, estratos, os grupos de uma formação histórica que se dizem no *tu*, no *vós*, no *nós* de todo poema abertamente político. Mas o coro não se limita a evocar uma consciência de comunidade; ele pode também provocá-la, criando nas vozes que o compõem o sentimento de um destino comum.

O poema configura um problemático jogo entre os elementos simbólicos tradicionalmente ligados à identidade latino-americana. A tensão central se dá entre o que é fixo e o que é transitório, entre o que é dado naturalmente e o que é alcançado através de escolhas. A estrutura simples, ancorada nos paralelismos, reforça em cada estrofe o choque entre as identidades tradicionalmente formuladas e as identidades tecidas na práxis como um horizonte de ação conjunta. Na voz lírica está a confiança num princípio comum capaz de definir e distinguir o povo latino-americano de

outros povos, assim como há uma inquestionável convocação à aproximação dos países e a crença na convergência histórica do continente. Afinal, martela no topo de cada estrofe, como estribilho, a positiva convicção de que “somos todos irmãos”. Mas o poeta utiliza uma espécie de inversão estrutural na qual se apresenta o refrão não como clímax, mas como início, posto no primeiro verso de cada estrofe. A confiança na irmandade é ponto de partida (seu ponto de chegada não é proclamado no poema, mas fica implícito, podendo ser a revolta, a ação conjunta), um dado *a priori* que nos versos seguintes será negado, desdobrado, invertido e finalmente apresentado em novo matiz.

Afinal, se o poema desenvolvesse pacificamente seu verso principal, “Somos todos irmãos”, e enumerasse os fundamentos desta fraternidade, teríamos, provavelmente, um resultado final semelhante ao observado no poema de Thiago de Mello. Definitivamente não é o que ocorre no poema de Gullar: a identidade possível não se constitui ali somente às margens dessa visão que aqui chamamos, na falta de um nome melhor, de mítica ou “natural”, mas insurge-se frontalmente contra ela, desconstruindo-a. No segundo verso de cada estrofe a adversativa “mas” – ora enunciada ora subentendida – se coloca em tensão com o estribilho e o sentido fraternal que ele expressa. Cria-se uma estrutura que é repetida em cada estrofe, modulando um ritmo e reforçando uma ideia, com a seguinte base: somos todos irmãos, *mas não por isso e sim por aquilo*.

Vejamos a primeira estrofe (Gullar, 2009: 378):

Somos todos irmãos  
mas não porque tenhamos  
a mesma mãe e o mesmo pai:  
temos é o mesmo parceiro  
que nos trai.

Num primeiro momento não se explica o motivo pelo qual “somos todos irmãos”. A queda rítmica e semântica propiciada pela posição forte da adversativa “mas” demonstra que a ordem sintática focaliza a negação: ela primeiro abala a irmandade para em seguida refundá-la em outra base; ela diz primeiro não, para em seguida dizer que sim. O “não”, aliás, é direcionado exatamente para o grupo de elementos que simbolizam a dimensão espiritual/atemporal da identidade. O poema renega com veemência qualquer aproximação de ordem mítica, ancestral ou sanguínea, justamente aquelas que ganharam estatuto intelectual na luta pela independência e tornaram-se lugares-comuns com a literatura romântica. As imagens são diversificadas; cada estrofe desconstrói um determinado fator identitário construído pela tradição americanista, mas todos estes elementos têm algo em comum: são arbitrários, absolutos, irreversíveis.

Na primeira estrofe nega-se a importância da matriz compartilhada. Não somos irmãos, diz o poema, por termos o mesmo pai e a mesma mãe – que podem

significar o passado indígena e a colonização ibérica. Na segunda estrofe nega-se o espaço familiar, com a imagem de um mesmo berço, referindo-se, talvez, à formação dos estados nacionais latino-americanos, e a mesma mesa, pondo em evidência a proximidade geográfica entre os países. Na terceira, nega-se o sobrenome e na quarta o próprio sangue, criando um interessante paradoxo entre a afirmação da irmandade e o reconhecimento de não termos o mesmo sangue.

Repara-se que, se verdadeiros, nenhum dos atributos poderia ser negado, pois já nascem com o próprio sujeito. O poema não invalida ou nega a base de verdade desses termos – apenas diz que não são eles que nos tornam irmãos. Talvez até exista um mesmo sangue, o nome, a ascendência – não é isto que está em questão –, mas tais atributos não servem para definir a conturbada relação entre os países latino-americanos, pois não se trata de uma irmandade *normal*, aleatoriamente distribuída, logicamente incontornável, mas sim de uma opção, um projeto baseado na análise da realidade social de cada um dos grupos e atores interessados nessa aspiração.

Somos irmãos, retumba o verso principal de cada estrofe, mas não irmãos comuns, de mesmo berço, sangue e sobrenome, elementos que não podemos escolher; somos irmãos por compartilhar os mesmos dilemas políticos e dramas sociais, a mesma perfídia e o mesmo sangue derramado: escolhemos, enfim, ser irmãos, porque assim lutamos melhor, nos sentimos menos sozinhos e podemos sonhar sonhos mais promissores. Dessa maneira, retomando o pensamento de Bauman, o modelo apregoado no poema não se aplica a uma “sociedade de vida e destino”, tal como apontamos no poema de Thiago de Mello, mas levanta a questão da América Latina como uma “comunidade fundada unicamente num jogo de princípios e projetos comuns” (Bauman, 2005: 17).

Nessa altura, o risco encarado pela poesia de Gullar, cuja base é visceralmente materialista, é o de perder seu apelo expressivo ao abandonar a encenação poética do mito e da ancestralidade comum como justificativa espiritual para o desejo político de cooperação entre os países latino-americanos. Esse abandono poderia ser um passo para a deformidade do discurso literário, gerando um risco de frieza ao se reduzir a crença (ideologicamente construída) a questões contingenciais, políticas. Entretanto, a habilidade do poeta parece residir na capacidade de fugir dessas armadilhas e ser convincente, tanto do ponto de vista crítico como estético, ao salientar a base histórica das identidades em trânsito no discurso sobre o continente. O poema gera surpresa e convida à reflexão justamente por dialogar criticamente com os estereótipos que naturalizam uma imagem exótica da América Latina; ele inova ao não dissimular o uso político inerente a todo discurso identitário, criando uma obra que converte em força persuasiva a aparente fragilidade dos nossos laços.

Ao invés da segurança de serem herdeiros de um mesmo pai e uma mesma mãe, de comerem na mesma mesa, se desenvolverem em berço comum e terem a identificação no sobrenome e nos laços sanguíneos, o poeta reduz a identidade a um único traço: a falta. O que nos une é precisamente aquilo que não temos e precisamos conquistar. É o parceiro que nos trai (referência provável ao imperialismo

norte-americano), o mesmo sangue derramado, a mesma fome, que justificam a solidariedade entre os povos do continente.

São questões que aparecem de modo incidental no poema de Thiago de Mello, que também faz menção a uma América explorada e sofrida, mas que se diluíam, enquanto crítica, no painel harmonioso tecido por sua poesia. Nos dois casos trata-se de uma concepção que atende a três momentos didaticamente marcados: a primeira apontada para o mesmo passado, marcado por surrupiamentos inglórios, extermínio da matriz indígena e domínio colonial; a segunda firmada no presente, denunciando a interferência estrangeira, personificada no imperialismo norte-americano, a desigual divisão de riquezas e a persistência do latifúndio e, por último, uma terceira via apontada para um futuro de justiça e liberdade, mediado pela luta revolucionária e pelo discurso utópico. Não obstante, o poema de Ferreira Gullar relativiza o passado e realça o presente enquanto argumento para a ação (é a fome de agora, o sangue agora derramado que justifica a união) enquanto para Thiago de Mello o passado ainda é a âncora que nos reúne numa mesma condição.

### **Considerações finais**

Como pudemos observar ao longo da análise dos dois poemas, um dos principais desafios para a elaboração de um discurso poético interessado na ampliação do diálogo entre os países latino-americanos é lidar com a incontornável necessidade de enfrentamento crítico e ativação simbólica de uma identidade continental legítima, sem falseamentos ou idealizações ingênuas. As poesias de Thiago de Mello e Ferreira Gullar enfrentaram, em vários níveis e de formas diversas, a precariedade dos laços que costumam sustentar a aspiração americanista, especialmente quando pensada a partir da ótica brasileira. Os dois autores participaram, com certo protagonismo, da investida na latinidade nos anos 1960 e 1970, impulsionada pela polarização política da Guerra Fria, o impacto político-cultural da Revolução Cubana e a relativa “guinada à esquerda” de amplos segmentos do campo intelectual latino-americano (Schwarz, 1978; Rama, 2006).

Os dois poemas aqui estudados correspondem, como salientamos, a uma etapa posterior de suas obras, já distante do período de maior recorrência da latinidade em nosso debate cultural. Esta nova etapa é marcada pela crise das utopias e pela consolidação da globalização neoliberal, pautada na abertura de novos mercados e no trânsito rentável de pessoas e mercadorias. O êxito dessa proposta hegemônica de globalização fixou nas alternativas de aproximação comunitária, semeadas nos anos 1960 e 1970, um incômodo véu de ingenuidade e demagogia. Enfrentar novamente o espinhoso sonho americanista, num contexto de frustração e derrota, leva os poetas a sintetizarem, nos poemas lidos, um movimento reavaliação, mais ou menos distanciada, dos anseios nutridos em livros anteriores.

Fundamentados, portanto, pela concepção identitária amadurecida nos poemas estudados, identificamos uma América mítica presente na poesia de Thiago de Mello, com sua paisagem natural e conclamação à solidariedade e à irmandade espontânea entre os povos; e uma América visceral na obra de Gullar, com seu olhar desconfiado



e tensa fulguração identitária, propondo a construção de uma identificação que é opcional, projetiva e voluntária. Através da poesia, diversas pontes são erguidas em nome do contato mais produtivo entre os países da América Latina, mantendo como ponto de partida o desejo de abertura estratégica dessa ilha chamada Brasil. Erguidas em terreno sabidamente pantanoso, ao qual a poesia frequentemente é convocada a retornar, cabe ao olhar crítico examinar de perto a estrutura dessas pontes, pois a partir delas, de pontos vários, podemos uma vez mais aspirar a uma travessia.

### Referências Bibliográficas

- ABDALA JR., Benjamin. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da poesia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Roteiro do poeta Ferreira Gullar”. In: *Céu Inferno*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento”. In: *Argumento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- MELLO, Thiago de. *Vento Geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *De uma vez por todas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.
- MENDES, J. M. “O desafio das identidades”. In: SANTOS, B. S. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PAULA, Marcelo Ferraz de. “A América Latina na música popular brasileira: dois idiomas e um coro-canção”. *Darandina Revista Eletrônica*. Vol. 4, nº 1, Juiz de Fora, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Neruda no Brasil; o Brasil em Neruda”. *Cadernos de Letras da UFF*. Nº 37, p. 185-203, 2009.
- RAMA, Ángel. *Literatura, cultura y sociedad en América Latina*. Montevideo: Trilce, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política 1964-1969*. In: *O pai de família e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

### Nota Curricular:

Marcelo Ferraz de Paula. Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. É professor adjunto da Universidade Federal de Goiás e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG. Pesquisa os seguintes temas: poesia brasileira e hispanoamericana; trânsitos literários ibero-afro-americanos; literatura, história e vida social.

**Contacto:** marcelo2867@gmail.com

